

O CANTO DO MAR

jornal criativo em
língua portuguesa

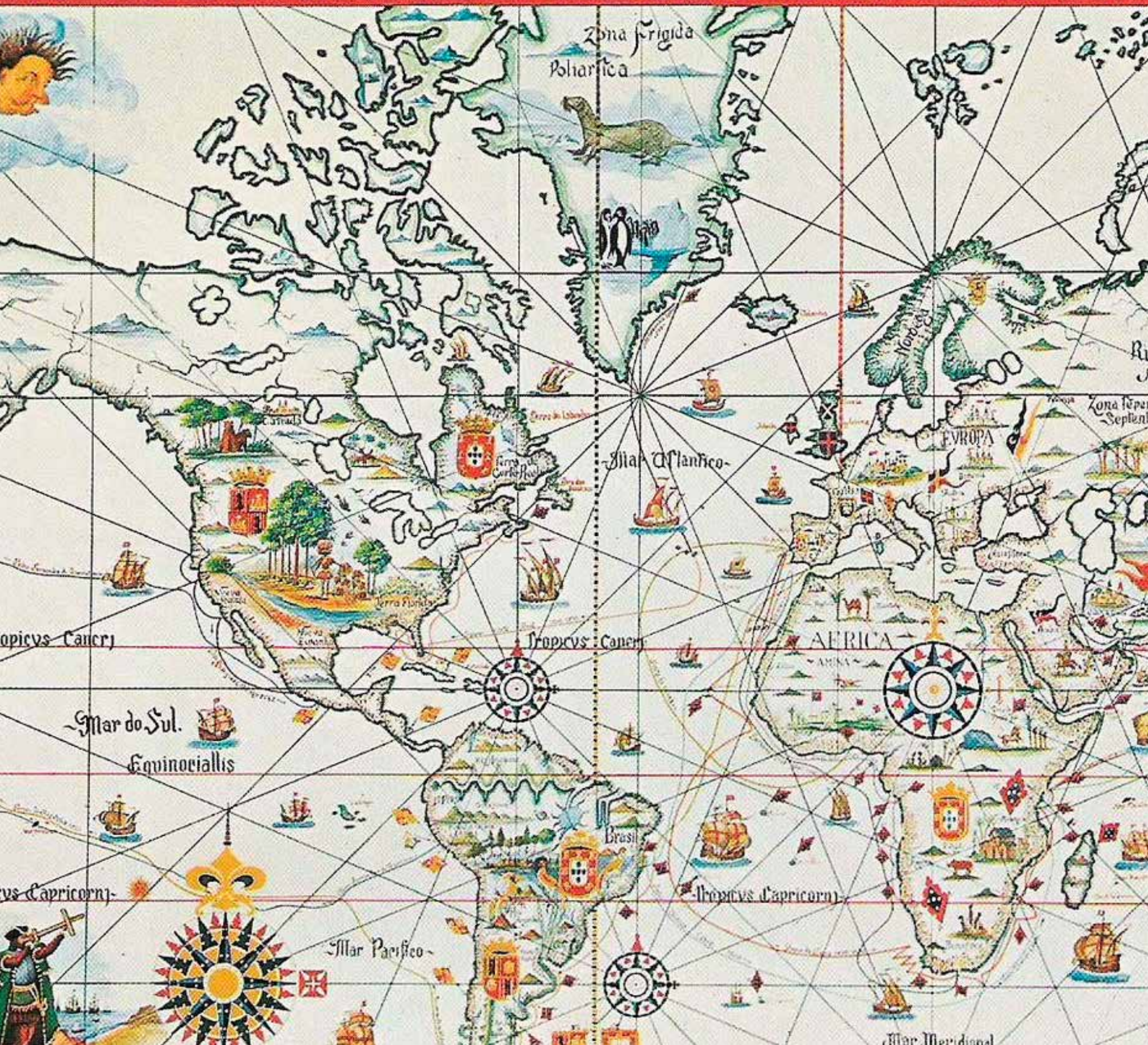
University of Wisconsin – Milwaukee
Department of Spanish and Portuguese

Editores:

Susana L. M. Antunes

Luís Filho

spring 2018



O Canto do Mar is the creative writing journal steered by the Portuguese speakers and students in the Department of Spanish and Portuguese.

Right revert to individual authors.

Published material in *O Canto do Mar* is not to be interpreted as a reflection of the views of the Department of Spanish and Portuguese and/or UWM.

língua portuguesa: uma paixão que nos une

Susana L.M. Antunes

É com a chegada da primavera que o número dois d'O Canto do Mar marca de novo encontro com os amantes da Língua Portuguesa – amantes da escrita, da fala, da leitura e dos sons da Língua Portuguesa; amantes espalhados pelos quatro cantos do mundo, divididos entre continentes e oceanos, mas unidos pela mesma paixão: a Língua Portuguesa.

Nos dias de hoje, 236 milhões de pessoas espalhadas por cinco continentes (África, América do Sul, Ásia, Europa e Oceânia) falam a Língua Portuguesa, ultrapassando, ao longo dos séculos, todas as barreiras e usando as mais diversas formas na contínua divulgação de uma língua que se fala em Angola, no Brasil, em Cabo Verde, na Guiné-Bissau, em Goa (Índia), em Macau, em Moçambique, em Portugal, incluindo as ilhas dos Açores e da Madeira, em São Tomé e Príncipe e em Timor-Leste.

Falantes unidos também pela expressão de sentimentos únicos que se intersejam através de géneros musicais como o Choro (Brasil), a Morna (Cabo Verde) e o Fado (Portugal); através da arte como o azulejo, através da comida como as especiarias e através da literatura - alguns exemplos dos vínculos que expressam a riqueza da multiculturalidade e da diversidade linguística e cultural que a Língua Portuguesa abarca e proporciona, rompendo fronteiras e preconceitos, abrindo o seu coração a todos quantos a quiserem abraçar.

Até 2050 estima-se que serão 335 milhões de pessoas que falarão português no mundo, o que prova a dinâmica e a força da Língua Portuguesa - uma língua viva, em contínuo movimento e adaptação linguística, flexibilizando-se de acordo com as necessidades externas e intrínsecas dos seus falantes, o seu elo mais forte.

No passado dia cinco de maio comemorou-se o Dia da Língua Portuguesa, um pouco por todo o mundo. Inserindo-se neste espírito, o Programa de Português (Spanish and Portuguese Department) convidou o Cônsul de Portugal em Chicago, Nelson de Castro, a proferir uma palestra sobre o “Potencial Económico da

Língua Portuguesa”, no passado dia 26 de abril. A palestra foi complementada com uma exposição bilingue (17 posters) patente no 1º piso no edifício Curtin, na UW-Milwaukee, a qual ainda poderá visitar e ficar a saber um pouco mais sobre os benefícios da aprendizagem da Língua Portuguesa.

Sugestão: visite o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo, Brasil - o único museu do mundo que tem como acervo um idioma - e conheça a história e a magia de uma língua que une falantes de alma e coração, a Língua Portuguesa!

E porque *O Canto do Mar* se estreita num abraço que nos une movido pela paixão que a Língua Portuguesa suscita, agradeço a TOD@S os que fizeram possível mais esta edição, afirmando com toda a certeza que, sem VOCÊS, *O Canto do Mar* escrito em português, não existiria!

Amo-a

A minha pele é a minha língua.
Vagabundeia nas minhas veias como o meu sangue escarlate,
cheia de nervo e de mistério.
Revira-me e adivinha-me.

A minha língua é a minha pele.
Concebo-a dilatando-me
quando falo, quando penso, quando odeio,
quando amo.
Cobre e denuncia a minha alma.

A minha pele é a minha língua.
Ajusta-se a mim e comprime-me,
sufoca-me e luto com ela na garganta.
Quero ignorá-la e esquecê-la.

A minha língua é a minha pele.
A sua presença domina-me,
manda em mim com soberania.
O seu império, em mim, é eterno.

A minha pele é a minha língua.
A minha cor é a sua cor,
O seu perfume é o meu perfume,
Suamos juntas o nosso aroma.

A minha língua é a minha pele.
Resgata-me na tristeza e enche-me de felicidade
numa fusão de prazer e de magia.
Necessito-a em cada momento.

A minha pele é a minha língua.
Acoplada a mim e enlaçada com o mundo,
amo a minha língua.

- .palácio do lirismo. Luis Filho 5
- .azulejos: uma tradição portuguesa. Susan H Brody 6
- .a borboleta? malabarista e corações? María Fernanda 7
- .a calma do lago. Saúl Ocegüera Hernández 8
- .a língua e o esporte. Charles Organ 9
- .conflitos da vida no século XXI. Amira Rupnick 10
- .curiosidades linguísticas. Tenshi Kawashima 11
- .o bacalhau. Jared Smith 12
- . em busca da felicidade. Paula Primitz 13
- .o tema da fome em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Molly Hayes 14
- .falando português. Monica Maria Donado 15
- .Niterói, meu lugar. Clarice Hitzman 16
- .o Coco e a origem do pozole. Eduardo Jiménez 17
- .o canto do Lago Michigan. Dalila Fernandes de Negreiros 18
- .o que João fez para melhorar sua vida. Mark Hanson 19
- .o galo de Barcelos. Jared Smith 20
- .porque escolhi Milwaukee. Anthony Heffron 21
- .resenha: *Os Maneiros de Repetentes 2008*. 22
- .Sor Juana Inés de la Cruz: detalhes de sua vida. Blanca Munoz 23
- .Toquio. Tenshi Kawashima 24
- .uma reflexão. Brock Splitgerber 25
- .antes do desencanaixe. Carolina Alvim 26
- .bugiganga. Mark Hanson 27
- .carnaval em Belo Horizonte. Monica Murphy 28
- .espera. Saúl Ocegüera Hernández 29
- .flores, cores e desejos. Josh Petrovich 30
- .jiujiteiro. Kennia Koronado 31
- .losten freedom. Abbey Roszkowski 32
- .liberdade perdida. Eduardo Jiménez 33
- .o que não se vê. Alyse Pfeil 34
- .todos nós. Nia Wilson 35
- .vale a pena viver. Bianca Turner 36
- .palavras portuguesas preferidas. Autores diversos 37
- .Sophia de Mello Breyner Andresen. Susana L.M. Antunes 39
- .Manoel de Barros. Luis Filho 40

palácio do lirismo

Luis Filho

Aconteceu, então, dele se encastelar neste quarto. Um quarto que é um dos diversos quartos do palácio do lirismo. Tão bem e tão frequentado pelos grandes poetas de todos os tempos.

Ele é vasto e revestido em mármore. Há a vista de uma janela ampla, que dá para um enorme campo, coberto por vazio.

Além de cama e janela, só papel e caneta. Os únicos artefatos que entram no palácio do lirismo.

E lá de longe se vê. É ela—a grande comitiva do amor.

Ah, ela vem por aí. Que bela. Estandartes, som, música e cor.

Ela vem colorindo o campo aberto com nova vida.

Os passarinhos logo a rodeiam. Eles brincam no ar, trazem flores em seus estreitos biquinhos.

Os alicerces do palácio do lirismo chegam a vibrar com tamanha emoção.

Vinham com a imponência de quem declara guerra.

Uma declaração de guerra feliz.

Mas o que é aquilo que vêm do leste?

O vento passa a bater mais forte. As copas das árvores se espantam.

Os passarinhos, felizes outrora, se recolhem aos ninhos.

É uma tempestade.

De repente um aguaçal toma a comitiva. De repente.

Não havia para aonde correr. Lembre-se que aquele enorme campo era coberto por vazio.

Percebeu-se então que todas as cores eram feitas de guache.

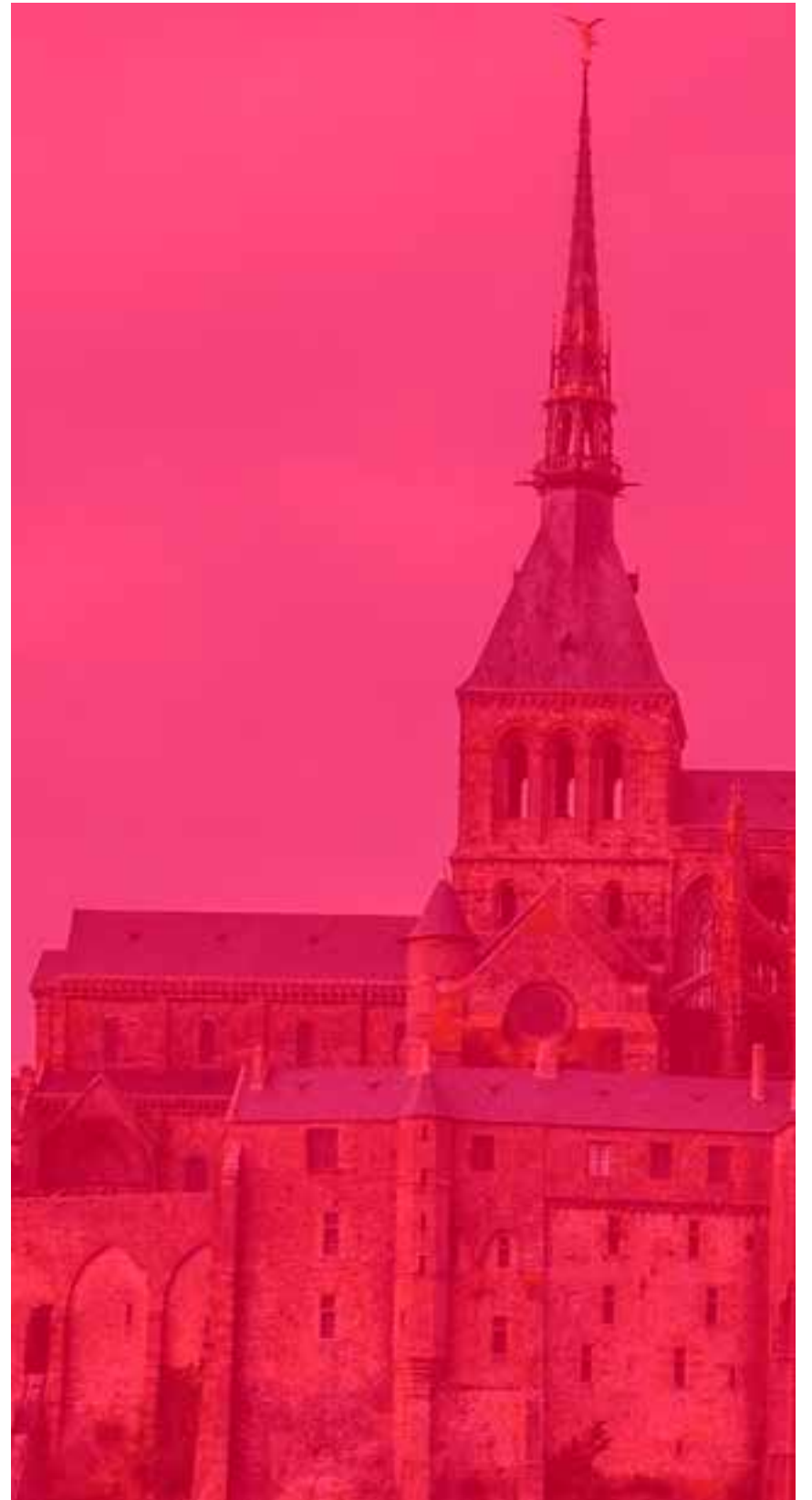
E todos os instrumentos de papel.

Não mais música nem cor.

Buscou por uma porta. Era preciso ao menos tentar recuperar um instante de cor e som. Não havia mais porta.

Deitou-se, como quem procura no sonho a resposta.

E quando dormiu, acordou.



azulejos: uma tradição portuguesa

Susan H. Brody

Se não tens a oportunidade de visitar o Museu Nacional do Azulejo em Lisboa, não te preocupes. Vou-te contar da história do azulejo português.

Sabias que o azulejo teve o seu início no mundo árabe? Quando os árabes chegaram à Península Ibérica no século VIII, trouxeram as técnicas artesanais para fazer azulejos. Os exemplos mais antigos de paredes revestidas com azulejo, na Península Ibérica, são os da Alhambra (em Granada, Espanha). Têm desenhos geométricos, feitos com pedaços pequenos cortados de barro vidrado, cuidadosamente articulados para formar o desenho parecido com o dos mosaicos romanos. De fato, “azulejo” quer dizer “pedra polida” – uma referência ao mosaico romano.

Durante o Renascimento, no ano 1500, um italiano chamado Niculoso Pisano, trouxe uma nova técnica para fazer azulejos chamada maiólica ou faiança. Ele era pintor de murais com cenas religiosas. Além dos murais e quadros, ele pintava sobre uma superfície vidrada. Daqui para diante, o estilo principal de fazer azulejos foi usar a preparação de muitos quadrados planos de barro, vidrados primeiro com branco, e então pintados por artistas. Assim é ainda hoje. No período do Barroco (séc. XVI-XVIII), a arte do azulejo florescia em Portugal mais do que em nenhuma outra parte do mundo. Este período do azulejo português é chamado o “Ciclo dos Mestres”. Os reis, os nobres, a burguesia (os novos ricos) e a Igreja patrocinavam obras de azulejo dos grandes mestres. Quando tu percorres Portugal, poderás ver exemplos dessa época – nos interiores das igrejas e palácios e nos jardins palacianos. Se os azulejos nas igrejas mostram cenas religiosas, os azulejos nos palácios mostram atividades de ócio, como jogos, caça, animais, albarradas (vasos ornamentados com flores), tópicos da mitologia greco-romana, e até retratos dos donos dos palácios.

Também podemos ver retratos orientais, com pessoas, arquitetura e plantas orientais. Não é surpreendente, dado que Portugal ia conhecendo a China, a Índia e outros países orientais. Pintar com azul sobre branco chegou a ser a combinação de cores mais populares, graças à influência da porcelana chinesa. (Em realidade, a porcelana se fazia usando um barro especial de cor branca, mas os europeus não sabiam criar o barro branco – a receita foi guardada pelos chineses – e por isso, tinham que pintar o barro primeiro com um vidrado branco.)

Se alguém te perguntar qual foi o evento muito trágico do século XVIII, poderias responder dizendo que foi o terramoto de Lisboa e os incêndios que resultaram dele. O Marquês de Pombal, um político com ideias práticas – características dos seus tempos (a época do Iluminismo) – reconstruiu o centro de Lisboa com revestimento azulejar das casas e dos prédios. Resulta que o azulejo é uma matéria prática que brinda proteção contra os incêndios, o frio e calor, a humida-



de e o barulho. Em Portugal, muitas casas destacam-se por seus exteriores cobertos de azulejo de fachada. Tipicamente, cada um dos quadrados pequenos na fachada tem o mesmo desenho. Na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX - a época do Romantismo e Regionalismo - uns azulejistas revestiram por fora algumas igrejas (sobretudo na cidade de Porto) num estilo parecido com o dos Grandes Mestres. Outros exemplos dessa época encontram-se no Palácio de Buçaco e o interior enorme da Estação São Bento, no Porto, composto por 20,000 quadrados individuais. Com a construção da rede de comboios (trens), os exteriores de várias estações de comboios (trens) foram decorados com azulejos. As cenas mais comuns são as das lendas portuguesas, batalhas famosas, a navegação dos tempos do Infante D. Henrique, o Navegador, imagens com a bandeira portuguesa antiga, tradições locais e cenas de paisagens e vistas portuguesas repletas de pessoas locais a fazerem os seus trabalhos de campo.

O sistema de metro de Lisboa tem uns exemplos modernos e experimentais de azulejos nas paredes das áreas de espera das estações. Se tiveres curiosidade em ver mais exemplos, faz uma busca de “imagens de azulejos”, “Estação de Aveiro”, “azulejos de São Bento”, “Ciclo dos Mestres”, etc.

Boa viagem!

A Borboleta? Malabarista de corações?

María Fernanda

Querendo me vestir com outra pele. Não posso esfregar a dor nem com a esponja mais áspera, nem com o banho mais quente. A melancolia e a saudade se têm aderido à minha pele como a hera, e têm feito dela a sua casa.

A minha melancolia está me comendo por dentro, me consumindo, me devorando, como ácido na pele. Eu só tenho olhos para ela e enquanto isso, ela, a minha borboleta, vai de flor em flor. Ela está jogando um jogo, sempre brincando. Ela, malabarista de corações que deixou cair o meu e o tornou um mosaico. Ela, colecionista de amores e dores e suspiros, como troféus na prateleira, que provam quem morre mais por ela, vai de pele em pele, provocando, soprando beijos, mas não dando nada. Não dá nem tempo,

nem interesse, nem amor, não dá nada real. Só vende sonhos e só vive para ela mesma e para os seus jogos. A borboleta, que esvoaça no meu coração, é enganosa, é perigosa... é veneno com sabor a mel.

Dói sonhar, desejar, olhar...ela, sentir saudades dela, e só fica fingir, como sempre fingir. Finjo a minha vida inteira, me finjo, em cada respirar, em cada sorriso, finjo a minha própria existência. Tenho vivido outra vida, tenho sido outra pessoa, e a minha alma não pode revelar quem eu quisesse ou pudesse ser. Não sei já quem sou. Me reinvento cada dia, em cada papel que me exige a vida, mas sempre posso encontrar de novo pedacinhos de mim nos meus versos.





a calma do lago

*Saúl Ocegüera Hernández.
Port. 204*

Você já se sentiu deprimido alguma vez? É um sentimento comum que todos sentem em algum momento. De qualquer maneira, há muitas formas para se libertar dessas sensações. Uma atividade muito boa para se sentir melhor é dar um passeio num lugar relaxante, com caminhos bonitos e, se for possível, que tenha uma bela vista. Um lugar belíssimo para caminhar é o lago. Se você gosta da natureza e está um bonito dia, você pode caminhar pelo lago durante horas. É o lugar excelente para pensar, olhar a água, as plantas, os animais e disfrutar das maravilhas da natureza. Sempre é reconfortante e vai ajudar nas suas penas. O lago oferece calma, tranquilidade e bons pensamentos. O ar e a brisa vão encher os seus pulmões de vida e você vai acreditar que os seus problemas não são tão grandes como você acha.

No entanto, não precisa de se sentir mal para passear pelo lago ou por um lugar bonito. É uma atividade que pode fazer em qualquer momento da sua rotina. Se você é um atleta e gosta de correr, o lago é o lugar mais indicado para o fazer. Além de correr, pode aproveitar para se deliciar com a elegância e tranquilidade do lago. Geralmente, quando se está perto do lago, o céu é mais azul e o tempo fica pausado. Uma das imagens mais belas que pode testemunhar é o ocaso do sol no lago.

O verão está perto! Não seja preguiçoso e visite o lago!



a língua e o esporte

Charles Organ. Port. 699

Olá, Oi! Prazer! Meu nome é Charles Organ. Eu sou estudante da UWM estudando Marketing e Logística com um Minor em português. Estou formando nesse mês de maio.

Minha vida pode ser vista em partes: esporte e língua. Basquete faz parte da minha vida desde pequeno, mas recentemente a Língua Portuguesa entrou minha vida através de uma viagem de intercâmbio ao Brasil. Língua e esporte são coisas diferentes mais muito similares. Como? Vou explicar.

Claro que o esporte é físico enquanto que a aprendizagem de uma nova língua é um exercício mental. No entanto, também há similaridades e a mais importante é que os dois conceitos conectam pessoas. Quando a gente joga basquete, é fundamental comunicar e saber as forças e as fraquezas dos seus colegas de equipe. Conhecê-los te vai ajudar a jogar mais fluído para que todo mundo se sinta parte do time e essencial no jogo. Usualmente, o time que faz isso melhor vai ganhar.

Esporte pode atravessar fronteiras que a política e a economia não podem atravessar. Esporte pode atravessar fronteiras raciais, nacionais e globais. Esporte foi sempre uma ferramenta que eu usei para me adaptar a um ambiente novo e conhecer gente nova e, ao mesmo tempo, criando relacionamentos para toda a vida. Quanto à língua, o ponto mais importante é que pela língua se podem criar entendimentos entre pessoas diferentes. Quando você sabe uma língua, a gente pode conectar entre si num nível pessoal e profundo em vez de ser só por um momento.

Enfim, eu quero dizer para você pensar em aprender uma nova língua não somente como mais um trabalho da faculdade e esporte não só como uma coisa que você assiste na televisão. Lembre que os dois são chaves de conexão que podem atravessar qualquer fronteira.

conflitos da vida no século XXI

Amira Rupnick. Port. 204

Ao longo da História, sempre existiram conflitos. Guerras, problemas políticos, escravidão e discriminação. Mesmo que ainda tenhamos todos esses conflitos, acho que o mais importante é a discriminação porque, depois de todos esses anos, o racismo e a discriminação ainda estão acontecendo na sociedade atual. Não é só um pequeno problema, mas é um problema que afeta as pessoas e afeta muitas vidas. Hoje na sociedade, é mais difícil para uma pessoa de cor conseguir as mesmas oportunidades de trabalho do que para uma pessoa branca. Eles podem ter as mesmas credenciais e o mesmo nível de sucesso e de educação, mas a pessoa branca será provavelmente escolhida para o trabalho. Este exemplo mostra que essas pessoas são julgadas imediatamente pela cor da pele. Eu lembro de uma estatística que dizia que um homem branco com antecedentes criminais ainda seria escolhido para um trabalho em vez de um homem de cor com o mesmo histórico criminal. Quando li isso,

não pude acreditar. Cem anos atrás, isso teria sido normal, mas agora é simplesmente uma vergonha. Outro estudo que eu li, foi que os empregadores são menos propensos a contratar pessoas com “nomes negros”. Este é um exemplo perfeito de “viés de confirmação”, que é quando alguém procura algo que confirma seu julgamento pré-existente. Claro que também tem a situação de brutalidade policial contra pessoas de cor, que é um grande conflito e problema na América. Mas este tópico de discriminação e racismo não se refere apenas à América, mas a todo o mundo. Quando fui à Sicília, vi muitos africanos. Embora falem siciliano e vivam as mesmas vidas que os sicilianos, são tratados como se não deveriam estar lá. Todos vivem em uma área específica, longe dos sicilianos brancos. Eu nunca consegui entender esse conceito, porque os vejo como as mesmas pessoas. Eu sei que os africanos na Sicília não têm as mesmas oportunidades que os sicilianos brancos têm. Eles não só discriminam os africanos,

mas também os árabes. Isso é uma vergonha porque, de acordo com a história da Sicília, os sicilianos têm sangue árabe neles.

Discriminação e racismo nunca farão sentido e nós, como humanos, temos muito trabalho a fazer. Precisamos de identificar isso como um problema e como um conflito real na sociedade. A escravidão e as leis racistas estavam no passado e deveríamos ter deixado o racismo e a discriminação no passado também. Só pode melhorar se nós, como seres humanos, lutarmos uns pelos outros e nos virmos todos como um só. Precisamos nos livrar dessa ideia da “cor da pele” e do conceito da cor da pele para determinar o seu valor. Não devemos deixar que o passado entre no futuro, especialmente quando o passado teve coisas tão horríveis. Devemos estar aprendendo com nossos erros.

curiosidades linguísticas

Tenshi Kawashima

Sabiam que há palavras japonesas que são de origem portuguesa? Algo muito interessante e curioso!

O website abaixo sumariza este detalhe que envolve as duas línguas, apresentando uma lista com cerca de 45 palavras japonesas de origem portuguesa!

É uma história incrível e uma ligação única a que existe entre as duas línguas e as duas culturas – o japonês e o português!

<https://goo.gl/JRqkiq>

<https://goo.gl/CMvqv1>

Mas, há uma expressão que o website não refere. É a expressão “senta aqui” usada na comunicação oral da Língua Portuguesa e que na Língua Japonesa soa exatamente da mesma forma “sentakki” mas que significa em japonês “máquina de lavar”!

o bacalhau

Jared Smith. Port. 104



Os pratos de bacalhau são comuns em Portugal e também nos países da lusofonia como Cabo Verde, Angola, Macau, Brasil e Goa. Existem mais de 1000 receitas de Portugal, o qual pode ser considerado o ingrediente mais emblemático da cozinha portuguesa. É frequentemente cozinhado em ocasiões sociais e faz parte do tradicional jantar de Natal em algumas partes de Portugal. O bacalhau é muito gostoso, pergunte a qualquer um em Portugal e eles lhe dirão como o bacalhau faz parte da sua vida. Existem inúmeras variações deliciosas de receitas de bacalhau, dependendo da região e da tradição. Em Portugal, existem mais de 365 formas de cozinhar bacalhau, uma para cada dia do ano. Antes da refrigeração, havia a necessidade de preservar o bacalhau. Secagem e salga são técnicas antigas para preservar os seus nutrientes e o processo torna o bacalhau mais saboroso. Um fato curioso: a Igreja proibia o

consumo de carne em muitos dias (sextas-feiras, Quaresma) e assim os pratos de bacalhau eram consumidos. Em Portugal, o bacalhau é frequentemente vendido como um produto genérico sem informação de marca. Os clientes são livres de tocar, cheirar e inspecionar pessoalmente os peixes, o que é muito diferente de como os frutos do mar frescos são frequentemente vendidos nos Estados Unidos. As lojas em Portugal podem apresentar uma grande variedade de bacalhau diferindo em cor, tamanho, cheiro, sabor e secura. Os diferentes chefes de cozinha e restaurantes têm o seu próprio estilo ou toque de bacalhau e experimentar as diferentes receitas em todo o país é uma forma divertida de conhecer Portugal. O bacalhau não é apenas saboroso, mas faz parte da cultura portuguesa. O bacalhau será sempre um prato especial para os portugueses.

em busca da felicidade

Paula Primitz. Port. 204

A felicidade é uma constante busca na vida de qualquer ser humano, como objetivo principal da existência muitas pessoas tentam encontrá-la a qualquer custo, a qualquer preço.

Ao refletir cabe a questão: A felicidade realmente existe? Quem não deseja ter um lugar calmo para repousar sem preocupações com datas, prazos, horários, contas, doenças e tudo mais que é inerente ao ser humano? Se a felicidade existisse de verdade, em sua plenitude, nós seres humanos não teríamos razões para existir.

Felicidade não existe. O que existe são momentos felizes, visto que na vida, muitas vezes, em nosso trajeto nos deparamos com adversidades, dificuldades, lamentações e sofrimentos que apesar de não

serem os mais desejados, também nos ajudam a crescer, amadurecer e aprender a lidar com as diversas situações.

A busca da felicidade é vendida pela mídia, pela cultura, pelos países de primeiro mundo. Muitas pessoas buscam a felicidade consumindo, outras se anestesiaram através de vícios, outras sustentam a ideia de que felicidade é estar nos padrões “celebridades”, outras pessoas acabam levando a vida presa em lembranças do passado, e outras ainda gastam tanto tempo planejando o futuro que esquecem de viver o presente.

A vida tem se tornado cada vez mais superficial. A busca constante pelo mito da felicidade ou o que a sociedade acha sobre a felicidade, tornou-se uma busca vazia.

Afinal, quanto mais momentos felizes se conseguem, mais se quer ter.

Uma questão importante e quase nunca pensada pelas pessoas, talvez pelo medo de entrarem em contato com uma parte de si mesmo que não a conhecem.. qual é o sentido da minha vida? Qual o significado da minha existência?

São questões profundas, mas fundamentais à existência humana: será que a felicidade existe em uma vida sem sentido? Com certeza que não.

Sempre deve se pensar no necessário e no fundamental pois, muitas vezes, os melhores momentos de nossas vidas, os maiores prazeres estão em gestos simples, mas que nos dão a sensação de completude, de totalidade.

o tema da fome em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector

Molly Hayes. Port. 699

Nas obras de Clarice Lispector, os textos geralmente têm muito que ver com os problemas existenciais dos personagens, os quais surgem desde que o homem descobriu a sua existência.

No romance *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, estes problemas são representados através de aspectos sensuais. Neste livro, as ideias de fome e de náusea destacam-se entre os temas mais evidentes ao longo do texto. Este romance é uma pesquisa das coisas que podem curar a náusea de Macabéa e alimentar a sua fome.

Macabéa, o personagem principal, não oferece muito nem ao mundo nem ao texto. Ela não recebe a empatia do leitor, mas sim, a nossa apatia. Ela mora num estado de indiferença e imparcialidade. Não tem propósito na sua vida. Nem ela mesma se acha ser uma pessoa digna da vida. Neste romance, Macabéa vai procurando e descobrindo uma identidade privada tanto como pública. Com Macabéa, Clarice Lispector criou um personagem tão simples e tão indesejável ao mesmo tempo. No texto, Macabéa está representada de uma maneira vulgar, grosseira, bruta e quase bestial. Ela é todo o oposto da feminidade. Ler sobre Macabéa provoca no lei-

tor a repugnância, o desconforto e até a náusea.

Devido à sua pobreza extrema e à simplicidade do personagem Macabéa, o leitor pode notar a complexidade dos seus problemas. A vida acontece fora do controle dela, assim como em cada um de nós. Macabéa é nada mais do que uma observadora da sua própria história.

A ideia de fome não se apresenta unicamente como uma ideia literária e metafórica. Neste livro, Clarice Lispector apresenta também a fome física, a fome da própria comida. Macabéa, sofre gravemente de fome física. Ela é uma mulher órfã, natural do Nordeste brasileiro. O único parente que ela conheceu foi a sua tia que morreu antes do início do livro. Depois da morte da sua tia, Macabéa se muda para o Rio de Janeiro procurando um trabalho. Não tem talento nenhum, não tem personalidade, não sabe do que gosta. Macabéa é um personagem monótono e completamente maçante. Em outras palavras, Macabéa não oferece nada ao mundo. A sua posição como órfã e mulher pobre a coloca numa posição marginalizada. Devido à sua pobreza extrema, ela sempre tem com fome física, um sentimento constante e irremediável. Neste sentido, a ideia de

fome é literal. Apesar do tema da fome literária existir n' *A hora da estrela*, este sentido de fome é simplesmente um facto na realidade da pobre protagonista, um elemento que cria a personagem Macabéa. Ela sempre vai ficar com a fome como sendo parte dela. O seu vazio é um produto dessa fome e da sua pobreza extrema. O elemento da fome constante que existe na protagonista é um elemento que faz com que ela pareça mais animalesca do que humana. Apesar de conhecer bem a fome, ela nunca tem um apetite porque não é bastante privilegiada para conhecer e poder ter um apetite. Não sabe bastante do mundo para poder desenvolver um apetite. Sua relação com a comida é somente para alimentar, sua relação com a comida é tão coxa quanto ela. A fome destrói a sua vida, a fome incapacita a sua esperança do futuro e, eventualmente, a fome mata a estrela caída, Macabéa.



falando português

Maria Donadio

Visitar o Brasil é sempre motivo de alegria e razão de festa para mim, meus Pais e a família de minha mãe. Minha mãe nasceu e se criou no Estado da Bahia, situado no Nordeste do Brasil, em uma cidade chamada Ilhéus. Ilhéus é uma cidade que fica situado no litoral Atlântico. É uma cidade muito bonita com pessoas alegres e amigáveis.

O fato de eu falar fluentemente o Português está relacionado com o privilégio que tive de conhecer pessoas para além da minha família e criar laços de amizades. Minha mãe sempre foi firme comigo em relação ao Português, desde quando nasci e me criei aqui nos EUA. Meu Pai é Americano e a minha tendência, naturalmente, seria a de falar somente Inglês. Mas, minha mãe sempre me incentivou falando somente Português comigo. Ela queria muito que eu aprendesse o idioma para eu poder me comunicar com seus familiares e adquirir parte da cultura dela.

Assim cresci, nesta atmosfera de diversidade e agradecida à minha mãe pela sua paciência e persistência para eu poder me comunicar em Português.

Niterói, meu lugar

Clarice Hintzman

Niterói é um município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro, Região Sudeste do Brasil. Está localizado na Bahia de Guanabara e com grande proximidade da cidade do Rio de Janeiro.

Por alguns anos, morei em Niterói, numa praia chamada São Francisco. Do outro lado desta praia está uma das mais belas vistas da cidade, que é a estatua do “Cristo Redentor”, construído entre as montanhas da mata Atlântica no Rio de Janeiro.

Niterói tem outras praias muito bonitas também, mas para mim São Francisco é a mais linda. Provavelmente, por que desde pequena o que mais gostava era de ir para a praia com a minha família e ver o por do sol. Muitas vezes minha mãe nos levava, eu e meus irmãos, para fazer um piquenique na praia, no final do dia. Lembro ainda da sensação da areia passando entre os meus dedos e da brisa no meu rosto, enquanto brincava com meus irmãos. Os raios de sol, nascendo ao longe, entre as montanhas e a estátua do Cristo ficaram gravadas na minha mente, com um sentimento imenso de felicidade. Ainda hoje, a mesma imagem, continua a ser, o meu lugar.

O meu lugar de paz.



o Coco e a origem do pozole

Eduardo Jiménez. *Port.* 204

“O Coco, é um ser que gosta de assustar crianças que não querem dormir. Suas crianças favoritas são aquelas que não obedecem ou que se comportam muito mal. O Coco gosta de se esconder nos quartos de crianças mal-educadas, bem como em seus armários, gavetas e debaixo da cama, para que possam ter medo à noite” (Una Leyenda Corta).

Por outro lado, pozole é um cozido mexicano tradicionalmente feito com carne de porco, canjica e tem uma cor vermelha ou verde, dependendo dos pimentões utilizados para a base da sopa. É servido ao lado de repolho picado, cebola, rabanete, limão, óregãos, molhos, creme azedo e torradas. De acordo com o artigo da Honest Cooking, “o milho era uma planta sagrada para os astecas e outros povos indígenas da Mesoamérica. Um dos principais componentes do pozole é a canjica (milho cozido). Durante o tempo dos astecas, o prato foi considerado muito sagrado. No entanto, em vez de usarem carne de porco, originalmente era feito a partir de uma carne humana, juntamente com o milho para ser comido em ocasiões especiais. A carne dos humanos vinha das pessoas sacrificadas e dos prisioneiros-corações arrancados como uma forma de respeito para louvar os deuses (Lopez-Mchugh)

Havia uma vez uma família mexicana formada por quatro pessoas. Juan, o chefe da família que era muito alto e robusto. Ele adorava usar trajes luxuosos para mostrar sua riqueza. Seu acessório favorito era o relógio que ele usava no pulso durante todo o dia. Ele nunca saía de casa sem levar o relógio. Maria, sua esposa, confessou aos filhos que

o papai prestava mais atenção ao relógio do que a ela. Por ter um marido rico, ela também estava imbuída de luxo. Para vingar o ciúme do marido, ela fez o mesmo com seus brincos de ouro. Na verdade, ela sempre se gabava de seus brincos de ouro na frente de suas amigas. O casal teve dois filhos muito diferentes. Carlos, de 6 anos, era o preferido. Ele sempre ouvia seus pais por qualquer favor que quisessem que ele fizesse. Pelo contrário, Diego, 15 anos, era conhecido como o jovem resmungão. Ele nunca prestava atenção aos seus pais e isolava-se dos outros. Um dia, a mãe perguntou a Carlos e a Diego: “Vocês podem me trazer um saco de tomates da loja?” Carlos respondeu: “Claro que sim, mãe, na verdade estamos indo agora”. Diego exclamou em voz alta: “Não, eu não quero! Você sempre me pede que faça algo para você, mas não, faça você mesmo “. Ao chegar da loja, a mãe deu um novo brinquedo para Carlos por lhe obedecer. Na noite seguinte, as crianças não queriam dormir porque queriam brincar. No entanto, para acalmá-los e colocá-los a dormir, a mãe contou-lhes a lenda de que havia um homem que roubou crianças que não obedeciam aos pais. A mãe cantou para eles com uma voz muito doce: “Durmam meus filhos, durmam agora, porque o Coco vem e os comerá”. Depois de tantos exemplos de favoritismo em relação a Carlos, Diego se cansou e decidiu fugir de casa para sempre. Antes de Diego sair, ele avisou Carlos que “esta não será a última vez que você me vê” e ele saiu imediatamente. Carlos avisou seus pais que Diego havia ido embora e nunca mais voltaria. A família tentava pro-

curá-lo todos os dias, mas nunca havia uma pista sobre ele. Passaram cinco anos e ainda sem um sinal mínimo de Diego que desistiram de procurar, assumindo que ele havia morrido. Todos os dias depois da escola, Carlos voltava para a casa. Um dia, quando chegou a hora de dormir, ouviu muitos barulhos que não o deixavam dormir. Uma noite, especificamente, ele ouviu uma música baixa e reconhecível sem ser capaz de entender as palavras. A música foi repetida várias vezes até que após a terceira vez, Carlos se acostumou e voltou a dormir.

No dia seguinte, Juan perguntou a Carlos: “Você poderia me trazer alguns pratos fundos para o jantar desta noite?” Sem hesitar, ele de repente saiu de casa e foi em busca dos pratos. Enquanto ele terminava de procurar, ele demorou muito tempo e notou que havia escurecido. Ao retornar para casa, uma figura escura chamou sua atenção e disse: “Jovem, você poderia vir comigo para me ajudar a preparar o jantar?” Como era seu instinto não recusar, ele disse: “Sim, é claro”. A figura negra levou-o para dentro de sua casa e sentou Carlos à mesa. Quando se sentou, acendeu as luzes e viu que a figura se transformava em um homem todo branco, coberto pelo rosto onde só via os olhos severos. Com o rosto pouco confuso e ignorando sua aparência, Carlos perguntou: “O que é que você preparou?”. Ele responde cnicamente em voz baixa: “Dê-me alguns minutos e você saberá exatamente o que vamos comer, mas primeiro venha e ajude-me a prepará-lo”. Novamente, Carlos se levanta e se dirige para a cozinha. Começa

a cortar a carne instruído pelo homem. Enquanto prepara a comida, o homem perguntou: “O que você está fazendo neste momento andando no escuro?” Carlos respondeu: “Eu tive que fazer um recado para o meu pai para servir o jantar em minha casa.” O homem começou a jogar o milho moído no buraco onde colocara a carne e a sopa vermelha. Eles terminaram de preparar o jantar e sentaram-se à mesa. Enquanto eles estavam comendo, o homem perguntou: “Você tem um irmão?” Um pouco preocupado, Carlos respondeu: “Sim, mas como você sabe que eu tenho um irmão?” O homem continuou a comer sem responder. De repente, numa voz baixa e misteriosa, ele começa a cantar “Durmam meus pais, durmam agora, porque vem o Coco, e os comeu”. Quando ele terminou de cantar, Carlos terminou de jantar e perguntou: “Como eu disse antes, o que é isto que comemos? O homem olha para ele com um rosto cheio de rancor, e diz “pozole”, feito de meus entes queridos e com muito amor. À segunda vista, Carlos olha para o prato vazio e vê que o que resta é um par de brincos e um relógio dentro da tigela. Os dois olham um para o outro e o homem disse: “De nada, Carlos...”





o canto do Lago Michigan

*Dalila Fernandes de Negreiros. PhD Candidate -
Africology - UWM*

Chegar a Milwaukee é uma experiência difícil de descrever. Poucas experiências são tão cheias de nuances quanto à mudança de país, vir de Brasília, a capital do Brasil para a fronteira o meio norte americano é uma grande diferença. Sendo eu uma mulher negra e estrangeira muitas vezes me sinto como “Um corpo no mundo” nas palavras de Luedji Luna: “Eu sou a minha própria embarcação. Sou minha própria sorte”.

É engraçado que o Português, que o colonialismo nos conectou a Portugal, reforça meus laços Afro-diaspóricos com Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. De tantos lugares no mundo que eu poderia ter algo a compartilhar eu vim exatamente para Milwaukee, onde tudo o que eu reconheço com mais inti-

midade é exatamente o que eu mais me dedicava a mudar no meu país: o racismo.

Ter o português como primeira língua em Milwaukee significa falar com poucas pessoas, quando não recebo familiares minhas conversas em português se resumem aos estudantes da universidade, em atividades como o Bate Papo. Mas como uma pessoa negra desde o aeroporto tenho me comunicado nos olhares, silêncios e solidariedade com a Diáspora Africana que, como eu, pode ficar retida na imigração por quase nenhum motivo. Ou que experimentamos as pessoas nos seguindo no supermercado... Nós que contamos as mortes de pessoas negras em intervenções policiais.

O canto do Lago Michigan é espiritual.

Se por um lado pouca coisa poderia me preparar para viver em umas das cidades mais segregadas racialmente dos Estados Unidos, o Brasil infelizmente me preparou para a violência racial. A cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras; em 2017 59.080 pessoas foram assassinadas no Brasil.

Mas Brasília e Milwaukee também são feitas de resistência negra. E aqui me encontro também nos cafés, restaurantes e negócios negros no norte da cidade, nas igrejas afro-americanas, no departamento de Africology da UWM, no Wisconsin Black Historical Museum e em vários eventos de aprendizado e ativismo que estar aqui tem me proporcionado.

o que João fez para melhorar sua vida

Mark Hanson

Uma manhã se despertou João para cumprir com as tarefas do dia. Normalmente a sua rotina diária não se caracterizava por ser produtiva. Mas desta vez foi diferente. Sabia que tinha que mudar a sua vida para criar um padrão mais eficiente se queria manter a sua saúde mental intacta. O estresse havia alcançado níveis inexplicáveis e quase não podia se comunicar com os seus amigos. Uma maneira fácil de fazer uma mudança foi começar o dia com algo que lhe dava prazer e satisfação.

A primeira coisa que acrescentou à sua rotina foi a meditação. Havia escutado no rádio acerca dos benefícios da meditação para a mente e para lidar com a ansiedade. Um problema que João tinha era manter-se no presente. Cada vez que saía fora só podia pensar na sua tarefa académica e todas as coisas que tinha que fazer para os dias

próximos. Portanto, os seus amigos começavam a queixar-se do seu aparente desinteresse. Mas não era desinteresse, era a aglomeração de todos os pequenos detalhes da sua vida que se manifestavam numa bagunça comunicativa.

A primeira vez que experimentou a meditação resultou numa experiência transformadora. Caiu dentro de um sonho profundo no qual apareciam livros gigantescos que andavam e que tinham cabelo azul. João não acreditava no que os seus olhos viam. Mas estes livros contavam histórias fabulosas, cada uma com uma lição diferente. Um livro contava que havia uma vez um rapaz que vivia em uma ilha dominada por bananas e que tinha que cultivar seres humanos para a sua exportação para países estrangeiros. João se assustou ao escutar esta história e se despertou de repente.

Quando se levantou, João se sentia libertado e refrescado. A sua mente estava mais clara e podia pensar numa maneira menos distraída. Em definitivo, a meditação havia deixado a sua máquina cerebral mais rápida e produtiva. A partir de esse momento tão crucial, chamou o seu amigo Jorge para tomar um bom vinho verde. Mas só tomou um copo, porque não queria desfazer todo o que havia conseguido através da meditação. Daquele tempo em diante, João meditou pelo menos 10 minutos cada manhã para começar o dia bem.



o galo de Barcelos

Jared Smith. Port. 204

O galo de Barcelos é considerado o símbolo não oficial de Portugal. Você pode encontrar este emblema em muitas formas em todas as lojas locais e especialmente em lojas de presentes. Este símbolo é encontrado principalmente em sua cerâmica típica, bem como bordado em toalhas e aventais. Outras lembranças incluem chaveiros, pisa papéis e outros presentes turísticos. O galo de Barcelos é sempre colorido e diz-se que é a personificação do amor português à vida.

A lenda acontece na cidade de Barcelos, no Norte de Portugal, no século XV. Seus cidadãos ficaram aborrecidos com um crime terrível e não resolvido que deixou os cidadãos em um estado alarmante. Um peregrino pobre que passava por Barcelos em peregrinação a Santiago de Compostela, foi preso e condenado a enforcamento, apesar da sua explicação. Ele se recusou a ir em silêncio e pediu para ser levado na frente do juiz que o sentenciou à morte. As autoridades concederam seu desejo e o levaram para a casa do magistrado enquanto ele estava fazendo um banquete com os amigos. Ele afirmou sua inocência e jurou a prova de sua inocência, apontando para um galo cozido e disse que o galo cantaria na hora de seu enforcamento como prova. A declaração causou uma grande quantidade de risos e zombaria. O juiz ignorou a declaração de inocência, mas colocou de lado o galo e se recusou a comê-lo. Quando chegou a hora do julgamento, o peregrino foi à forca para aceitar sua punição. Enquanto ele estava sendo enforcado, o galo assado apareceu e se levanta-

to na mesa em frente da multidão e cantou exatamente como o peregrino havia previsto. Os jurados perceberam o erro que o juiz cometeu e correram para salvar o peregrino. Mais tarde, o peregrino voltaria a Barcelos. Ele esculpiu uma cruz em homenagem à Virgem Maria e a São Tiago, que ele sentiu serem os responsáveis pelo seu salvamento com o milagre do galo. Hoje, esta cruz é referida como a Cruz do Senhor do Galo. Esta estátua ainda existe no Museu Arqueológico de Barcelos. A história da lenda pode variar dependendo da narração, embora a história principal seja sobre a declaração de inocência do peregrino que o galo assado declarou.

Uma variação da lenda afirma que o peregrino era convidado do proprietário de terras e do seu banquete. Noutro relato, o peregrino era hóspede de uma hospedaria local e o dono da hospedaria acusou falsamente o peregrino do crime como resultado de sua própria ganância. Em algumas lendas, o peregrino é da Galiza, enquanto em outras não. Em outra história, há dois peregrinos que são pai e filho, e o filho foi condenado pelo crime e o pai chamou o galo para cantar. Qualquer que seja a lenda que você ouve, o Galo de Barcelos é uma visão comum enquanto você está visitando Portugal, com inúmeras opções de “souvenirs” enfeitadas com a sua imagem. Agora que você sabe o significado da lenda do galo de Barcelos, você pode adicionar este pedaço de orgulho de Portugal em sua casa depois de visitar este belo país.



porque escolhi Milwaukee

Anthony Heffron

Tenho tantas razões para escolher esta universidade e esta cidade. A maior razão pode ser representada através de números: UW-Milwaukee tem 26 centros de pesquisa, 78% dos estudantes graduados encontram empregos nas suas áreas de estudo, a cidade está no top 5 de entre as cidades que apresentam um crescimento mais rápido nos EUA...

Mas este número não tem nada a ver com as razões pelas quais eu gosto de Milwaukee. A razão mais importante são as pessoas, as pessoas que moram aqui. Cada pessoa nesta universidade está disposta a ajudar os outros. A cidade e seus bairros têm um caráter único. Professores, amigos, colegas de trabalho e das aulas - sem eles nunca poderia ter tido o sucesso que agora posso apreciar.

Agora, tenho que olhar para o futuro. Não sei para onde caminho - provavelmente vou morar num país estrangeiro. Quero ser professor de inglês na China. Vou deixar os meus amigos, professores e também minha família. Fico muito animado e muito ansioso, mas eu devo lembrar que sempre vou ter uma cidade natal.

resenha: *Os Maneiros de Repetentes 2008*

Mark Hanson

Este álbum vem dum selo discográfico que se chama *40% Foda/Maneiríssimo* o qual está baseado em Rio De Janeiro, Brasil. A sua música se pode escutar e comprar mediante a sua página de Bandcamp, uma boa plataforma para músicos independentes e selos mais pequenos. O presente álbum é o segundo de *Repetentes 2008* (Gabriel Guerra) depois de seu grande álbum "Boulder Ball" no Future Times. A música é difícil de descrever, mais a sua hibridez e qualidade vivaz faz que seja quase impossível ficar sentado. Acho que a descrição que oferece o selo é bastante precisa: "jazz-fusion-feito-pelo-hamtar e boogie-funk-feito-

-por-algum-com-consumo-inadequado-de-coca-cola." A percussão é o elemento destacado na minha opinião, especialmente na canção "Supervagabundo", que também utiliza flautinhas peruanas. Ritmo rápido, sensação de alegria, música para videogames, quem saberia que ainda há neve no solo? Recomendo que todo o mundo tente esta música, embora não seja o seu género preferido. É o antídoto a todos os seus problemas.

Canções no álbum:

1. Lucas Freire Birthday
2. Supervagabundo
3. Nova Berserker
4. Fofo Shuffle





Sor Juana Inés de la Cruz: detalhes de sua vida

Blanca Muñoz. Port. 104

Sor Juana Inés de la Cruz nasceu no estado do México em uma fazenda chamada San Miguel Nepantla. De acordo com o certificado de batismo, ela nasceu em 12 de novembro de 1648. Sua mãe se chamava Isabel Ramírez de Santillana, ela era crioula e seu pai, Vizcaíno Pedro Manuel de Asbaje era espanhol. Sor Juana foi criada com seu avô materno, Pedro Ramirez. Aos três anos ela já sabia ler. Quando ela tinha sete anos, pedia para ir estudar na universidade. Na idade de oito anos, ela escreveu um elogio para a festa de Corpus. Em 1656 seu avô morreu e sua mãe a mandou para a capital com sua irmã. Ali, Sor Juana estudou Latim. Em 1664 ela entrou na corte como uma companheira da vice-rainha, Leonor Maria Carreto. Para ela, Sor Juana de-

dicou alguns sonetos com o nome de Laura. Farta da vida na corte, ela decidiu entrar em um convento. Em 1667 ela entrou no convento de San José das Carmelitas Descalzas. Mais tarde, ela entrou no convento de Santa Paula, porque o convento das Carmelitas Descalças era muito rigoroso. No convento Sor Juana era contabilista e arquivista. Em seu quarto ela tinha mais de 4.000 livros, mapas e instrumentos musicais. Ela tinha muito conhecimento de astronomia, música, filosofia, matemática, culinária etc.

Em novembro de 1690, o bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz, publicou sem autorização de Sor Juana, uma crítica que Sor Juan fez sobre um sermão do padre jesuíta português António Vieira. Fernández de Santa Cruz in-

titulou a crítica “Carta atenagórica”. Era uma carta digna de Atena. O bispo de Puebla, usando o pseudônimo de irmã Philothea, advertiu Sor Juana a se concentrar nos estudos religiosos em vez dos leigos. Sor Juana respondeu ao bispo de Puebla em março de 1691 com “A resposta à Irmã Filotea de la Cruz”. A carta é uma magnífica autodefesa e defesa do direito ao conhecimento de todas as mulheres. Com isto veio a desaprovação dos funcionários religiosos. Sua situação começou a desmoronar depois que seus protetores, o Marquês e a Marquesa de la Laguna foram para a Espanha. Ela morreu a 17 de abril de 1695 de uma epidemia no convento de Santa Paula.

Toquio

Tenshi Kawashima



Às 8:12 da manhã, o trem vinha todas as manhãs sem demora. Como de costume, eu entro em um trem lotado. O trabalho começa a partir das 9 horas.

Eu não pude deixar de pensar que meu chefe estava com raiva ontem. Pois tive de largar meu emprego em menos de 6 meses, pois decidi cursar minha pós-graduação. Eles ficaram decepcionados, pois tinham grandes expectativas sobre mim. Sendo assim, não obtive muito apoio na minha decisão.

Como de costume, o trem está sempre superlotado. Todas as vezes que o trem chega à estação, o trem treme e tenho que ficar de pé, firme, segurando nas barras de apoio, com toda minha força. Ao mesmo tempo, preciso também segurar firme minha bolsa, pois o tráfego de pessoas é sempre intenso.

Eu pensei que ser um adulto seria esse tipo de coisa. Se você pisar firmemente em seus pés, não segurar sua bolsa, será engolido pela multidão. Qual é o seu sonho? É difícil continuar protegendo coisas importantes.

Às 8:38, o trem chegou. De dentro do carro abafado, as pessoas saltam. Então, sem ter que fazer uma pausa, as pessoas começaram a andar rapidamente para seus respectivos caminhos.

uma reflexão

Brock Splittgerber. Port. 104

Para entender a minha experiência com o português é necessário viajar quase nove anos atrás. No oitavo grau, eu comecei o processo de aprender uma língua pela primeira vez. Como sempre, as escolas só ofereciam as línguas mais conhecidas: o espanhol e o francês. Então, escolhi o espanhol porque pensava que me ajudaria muito no futuro (uma nota: na UWM estou completando um mestrado em espanhol e por isso foi muito útil). Depois das primeiras semanas, a aula começou a ser muito difícil. Não estava entendendo nada do que a professora dizia naquele momento. Pensava que não continuaria com uma língua estrangeira. Contudo, a minha história não termina ali. Apesar de ter muitas dificuldades, eu dediquei muito tempo aos meus estudos e, eventualmente, a minha situação melhorou. Quando tomei tempo para praticar o material, entendi. Uma língua estrangeira não é algo que você pode estudar através de um livro. É imperativo que você estude e fale para melhorar as tuas competências.

Depois de muitos anos (digo muitos como se fosse velho), percebi que uma língua é mais importante do que simplesmente uma ferramenta para comunicar. Foi triste que me tomou tantos anos para perceber isto, mas agora é algo em que penso todos os dias. A língua que falamos pode nos conectar com uma cultura diferente da nossa. Por isso, decidi estudar a língua portuguesa porque a cultura é incomparável. Apesar de não ter fluência na língua, eu posso discutir e falar sobre esta cultura e sobre as suas celebrações como o Carnaval em Brasil ou as festas dos Santos populares em Portugal. Obviamente, eu poderia aprender alemão ou francês, mas as conexões que posso fazer são ilimitadas. A minha aventura com a língua portuguesa não vai terminar no futuro próximo. Sempre há algo que não sabemos e essa é a minha motivação.

antes do desencaixe

Carolina Alvim. PhD Student, UW Madison

o ritual depois que seus olhos abrem
a temperatura ideal da água que toca sua pele
sua forma de segurar a caneta
o som do seu espirro
onde você sente cócegas
como cruza as pernas
como cheira seu prazer
quais são as barreiras do seu corpo
onde começa o abismo dos seus sonhos
o que te dói
onde mais te dói
de onde vem o desejo
quantos ombros fantasmas te enxugaram
se enrosca o lençol nos dedos dos pés antes de dormir
se tem sede de noite
se é cética até o horóscopo lhe convir
se chora de tanto rir
como é seu relevo
como a raiva se dissolve
se adoça o café - acho que não
se coloca leite - acho que não

porque eu te amo, mas essa não é uma história de amor
ou
eu te amo tanto que te queria desamar



Foto por Emily Downes

bugiganga

Mark Hanson

Uma caixa de música partida
Um as flores artificias
Objetos sem valor
O com valor?
Não sei
Mas tem o seu lugar
preenchendo vazios
o lixo de alguém é o tesouro de outro



carnaval em Belo Horizonte

Monica Murphy

O Carnaval é a hora de ser livre
De ser o que quiser
De tomar o mais que puder
De dançar com todo mundo
De seguir o desfile e cantar a música

No Carnaval
Dancei, cantei e tomei
Mas também
Conversei, amei e rezei
Agradei a Deus por tudo:

Pela Terça Gorda
Pelos meus amigos
Pela música brasileira
Pela hospedagem inesquecível
E pelas amizades intermináveis

Talvez não chegasse preparada
Para festejar o dia inteiro
Para fantasiar como uma heroína ou princesa
Mas passei-o com meus queridos brasileiros
Matei uma parte da saudade

Até próximo Carnaval!

espera

Saúl Ocegüera Hernández. Port. 204

Espera, dizem.
Esperar quê? Por quê? A quem?
A pessoa que espera se cansa,
E espera, e se cansa, e fica esperando.
As plantas esperam, não têm opção,
As árvores esperam o lenhador, e morrem.

Sim, esperam
Para que os dias, as semanas, os meses
Arranquem a raiz que vai crescendo
Nos seus pés.

Não, não é impaciência,
A paciência se trata de aproveitar
O momento adequado,
No momento adequado.

A espera é ter medo
Para atuar,
E esperar, e esperar,
E não saber
Se pôde ter sucesso
No momento adequado.

flores, cores e desejos

Josh Petrovich. Port. 104

Rosas são vermelhas,
Violetas são azuis,
As piores palavras a dizer são:
“Eu desejo, eu fui”.

jiujiteiro

Kennia Koronado. PhD Student, UW Madison

eu só preferia ele
e às vezes ele também me preferia

ele
tal como eu
era tão misterioso
quase sempre ausente
deixava vagas na minha vida

entrava e saía à vontade
como caranguejo na areia
como caranguejo canceriano que era

quase sempre ausente
mas sempre em mim

seu corpo
com poder de acender chamas inextensíveis no meu

seus olhos
como água
maravilhosos cor do mar que mudavam, mas minha paixão por ele...

seus lábios
casa de meus beijos preferidos

seus braços
minha segurança

tanta paixão
apaixonada demais

meu lutador
meu jiujiteiro

losten freedom

Abbey Roszkowski. Port. 225

His freedom was captured and stolen away,
But there's promises to keep for another day.
Taken to a place without a bed,
Thoughts of sadness race through his head.

“Why and where and woe is me,
I hope one day I can finally be free.
Living with chains below my knees,
This certainly can't be the life for me.
Day after day of torture and pain,
Oh please god take it away.”

Tormented, beaten, and broken down,
The day's not over, he must work on.
Years go by with being a slave,
His feet were bleeding along the way.

Most didn't make it on the journey here,
But his hope is they will hear the cheers.
“The day has come where I'm finally free;
I can live my life according to me!”
No chains, no ropes, not anymore;
His body can rest and not be sore.

Changes were made to ease the ache,
But whose lives were these for them to take?
Nothing will ever quite clear the slate,
Yet never again can there be this mistake.

Nota dos editores

Este poema foi produzido na aula Portuguesa 225 – Understanding Brazil Through Film. Nesta aula, foi pedido aos alunos que produzissem textos livres sobre o tema da escravidão no Brasil.

Este poema ilustra o resultado final do trabalho dos estudantes. Posteriormente, o aluno Eduardo Jiménez, da classe de Portuguesa 204, realizou a tradução deste poema, que se encontra na página seguinte.

liberdade perdida

Eduardo Jiménez. Port. 204
Tradução do poema
"losten freedom"

Sua liberdade foi capturada e roubada
mas há promessas de continuar por mais um dia.
Levado para um lugar sem uma cama,
Pensamentos de tristeza correm pela sua cabeça.

"Porquê e onde e... ai de mim,
Espero que um dia eu possa finalmente ser livre.
Vivendo com correntes abaixo dos meus joelhos,
Esta certamente não pode ser a vida para mim.
Dia após dia de tortura e dor,
Oh, por favor, Deus livra-me delas."

Atormentado, espancado, e quebrado,
O dia não acabou, ele deve continuar a trabalhar.
Os anos passam sendo escravo,
Seus pés estavam sangrando ao longo do caminho.

A maioria das pessoas não fez a jornada até aqui,
Mas sua esperança é que eles escutem os aplausos.
"Chegou o dia em que finalmente estou livre;
Eu posso viver minha vida de acordo comigo!"
Sem correntes, sem cordas, não mais;
Seu corpo pode descansar e não estar dorido.

o que não se vê

Alyse Pfeil. Port. 204

O que não se vê
Pode confundir;

Mas não precisa confundir.
Até os mais simples sabem

Que o ver não se equipara ao saber.
Os mais sábios já soltaram

A ilusão do concreto, e soltaram
A necessidade de ver para ter certeza.

Com certeza
O que se sente -

mesmo que nas mãos não sinta,
mesmo que os olhos não vejam -

O que não se vê,
Pode revelar a verdade.



todos nós

Nia Wilson PUC – Rio de Janeiro, Study Abroad

Nós vivemos em mundos muito diferentes

Riqueza diferente,

Religião diferente,

linguagem *Diffrent*,

Desigualdade diferente.

Raças diferentes

Cultura diferente.

Mas com o passar do tempo

Eu percebo que todos nós procuramos o mesmo.

Nós compartilhamos as mesmas alegrias através do sol.

Todos nós temos tristezas à noite com a lua

Nós todos queremos paz

Nós todos queremos amor,

Nós todos precisamos de amor

para os outros.

E dentro.

vale a pena viver

Blanca Turner

Como o mundo realmente se torna interessante

Um grande lugar que faz parte de um universo maior ainda

Somos todos uma flor que cria um jardim

Folhas que completam uma árvore

Uma montanha de formigas sem as formigas trabalhando perde o valor

Assim também se revela o mundo

O mundo que nos chamamos de casa sem humanos pode existir, mas perde o valor

Vivendo com propósito cria valor

Cria curiosidade e desenvolvimento

Vale a pena viver

Vale a pena ser aquela pequena formiga que contribui para a montanha!

PALAVRAS E EXPRESSÕES PORTUGUESAS PREFERIDAS...

abacaxi

Porque eu gosto do som da palavra e porque gosto muito de abacaxi.

Marissa Paulson

tá bom

Eu gosto muito dessa palavra porque a uso diariamente. É uma palavra simples que significa “OK”!

Paula Primitz

abacaxi e coxinha

Gosto muito palavras com “x” porque as palavras soam muito bonitas e únicas.

Amira Rupnick

Carinho

Minha palavra favorita em português é carinho. Eu gosto dessa palavra porque é uma ação que você faz para aquele que você ama. E quem não quer estar apaixonado, né?

Andrew Dantas-Hintzman

Obrigada

Digo muito esta palavra, e quando eu falo com meu marido, eu sempre a digo.

Blanca Munoz

Estamos Juntos

Eu gosto dessa frase por causa do sentido bem forte. Não é só um “tchau”, mas dizer que o que é meu é seu, e que vou te ajudar de qualquer forma.

Este é o espírito brasileiro que eu encontrei durante meu tempo no Brasil.

Charles Organ



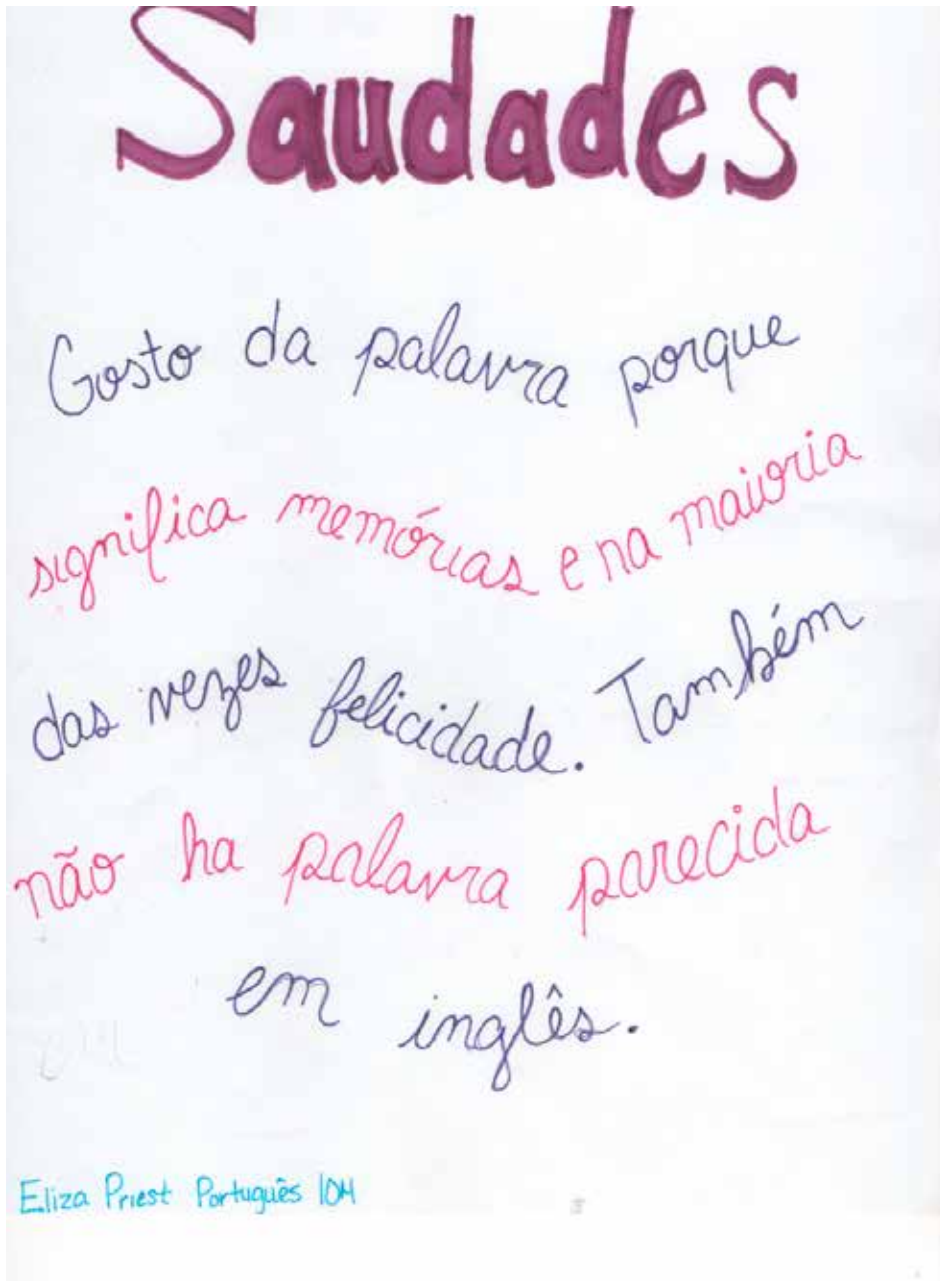
Brock Splittgerber
Português 104

Jeitinho

Eu gosto da palavra porque tem um sentido mais profundo. Nós aprendemos na outra aula de filme.

Significado: É uma palavra que significa “fazer ou ajudar uma pessoa”. Tem um sentido íntimo e é uma forma “meiga” para conseguir algo.

Eduardo Jiménez



Abacaxi, morango

Porque são palavras muito diferentes dos conceitos que eu conheço acerca destas palavras em outras línguas.

Ainda

Porque é uma palavra muito estranha, que eu nunca lembro e que tem muitos usos.

Coração

Porque eu gosto muito dos sons nasais da Língua Portuguesa.

Saúl Ocegüera

Pamonha

Minha palavra favorita em português é “pamonha” (prato típico brasileiro). Amo sua pronúncia e sabor.

Tenshi Kawashima

Bugiganga

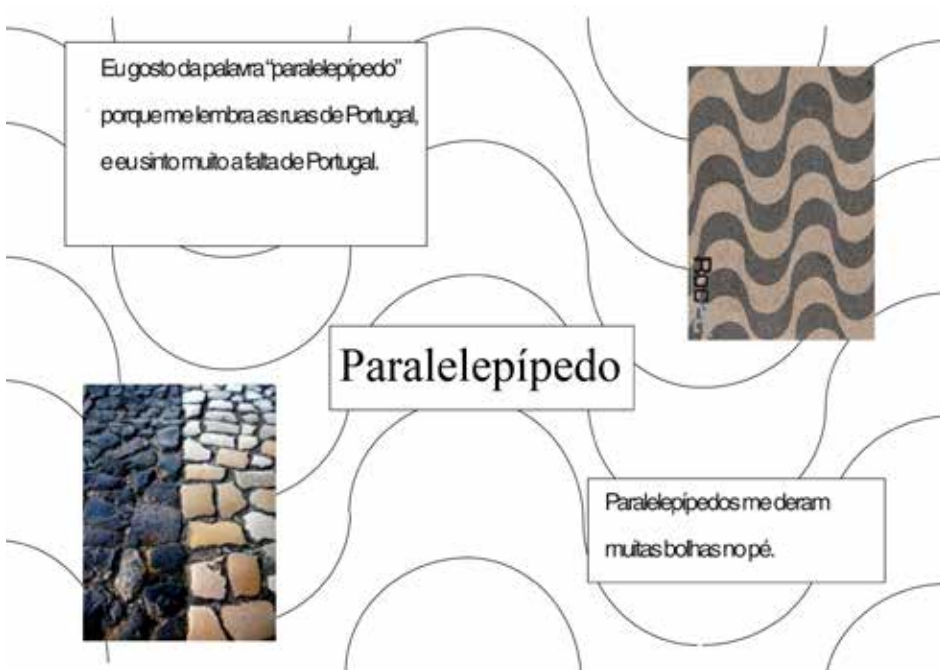
Porque soa bem e tem muitos significados.

Mark Hanson

Filho

É diferente de qualquer palavra americana.

Jared Smith



Smith Breaux

AS ESCOLHAS LITERÁRIAS DOS EDITORES

Sophia de Mello Breyner Andresen

(6 de novembro de 1919, Porto. 2 de julho de 2004, Lisboa)

Escritora/poeta/tradutora e mãe de cinco filhos.

Escreveu poesia, ficção, contos infantis, teatro, ensaio.

Foi premiada 17 vezes e recebeu 3 condecorações de mérito. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante prémio em língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.

Os temas mais evidentes ao longo da sua obra são: a natureza e o mar, a casa, o amor, a infância, a busca da justiça, a harmonia e o equilíbrio, os valores da antiguidade clássica.



Algumas sugestões de leitura:

Poesia

- *Poesia* (1944)
- *O Dia do Mar* (1947)
- *Coral* (1950)
- *Geografia* (1967)
- *Ilhas* (1989)
- *Mar* (2001)
- *Orpheu e Eurydice* (2001)

Ficção

- *Contos Exemplares* (1962)
- *Histórias de Terra e Mar* (1984)

Contos Infantis

- *A Menina do Mar* (1958)
- *A Fada Oriana* (1958)
- *A Árvore* (1985)

Teatro

- *Não Chores Minha Querida* (1993)
- *O Bojador* (2000)
- *O Colar* (2001)

Manoel de Barros

(19 de dezembro de 1916, Cuiabá - 13 de novembro de 2014, Campo Grande)



Havia um grande livro, aberto numa dupla de páginas em branco.

O tal livro repousava sobre uma bela mesa de madeira maciça, daquelas rústicas, aonde o tronco de uma árvore foi cuidadosamente cortado e se transformou em apoio.

E pelo fato de ser primavera, uma borboleta entrou pela janela. E com toda sua leveza, pousou sobre aquele livro com páginas em branco abertas sobre a mesa.

E daí surgiu a poesia de Manoel de Barros.

Seria uma missão árdua a de definir Manoel em poucas palavras. Manoel é indefinível. A nós, leitores, só cabe ler.

Àqueles que nunca tiveram contato com sua poesia, sugiro *Meu Quintal é Maior do que o Mundo* - uma antologia poética que condensa a poesia de Manoel de Barros.

Luis Filho